



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

O mistério da brasilidade

Confesso que estou com saudades do Brasil. A situação melhorou muito desde as últimas eleições, mas ainda estamos com um déficit de brasilidade. Nos perdemos tanto que precisaremos algum esforço para reencontrarmos a nossa identidade de brasileiros como nação. As patriotadas são farsas fascistoídes. Todavia, apesar de parecer, talvez, anacrônico, eu ainda gosto muito de ser brasileiro. Em outros momentos, era bem mais fácil delinear essa identidade. No entanto, a brasilidade sempre foi um assunto controvertido.

Estava folheando uma famosa entrevista de Guimarães Rosa, concedida ao arguto e incisivo crítico alemão, Gunther Lorenz, quando me deparei, precisamente, com o claro enigma da brasilidade. Lorenz comenta que é um tema que perpassa toda a literatura brasileira, mas nunca encontrou uma definição satisfatória.

Acrescenta que muita gente séria já lhe disse que essa brasilidade não passava de baboseira. No entanto, Guimarães Rosa discorda inteiramente: “Sim, veja, Lorenz, quem quer que lhe tenha dito que a ‘brasilidade’ é apenas uma baboseira deve ser um professor, um desses ‘lógicos’ que não compreendem nada, que só compreendem com o cérebro; e, como se sabe, o cérebro humano é uma organização muito defeituosa

e debilitada. Por isso, o homem possui, além do cérebro, o sentimento, o coração, como queira.”

Rosa reconhece que não poderá dar uma definição para algo incompreensível, mas pode tentar uma interpretação. É lógico que existe uma brasilidade, afirma o autor de *Grande Sertão: Veredas*: “Existe como a pedra básica de nossas almas, de nossos pensamentos, de nossa dignidade, de nossos livros e de toda nossa forma de viver.”

Mas o que seria a brasilidade? Para responder à intrigante pergunta, Rosa recorre a Goethe, que definiu a poesia como “a língua do indizível”. E traça um paralelo entre a brasilidade e a palavra “saudade” para os lusitanos: “Um português não precisa explicá-la; já nasce com ela, leva-a dentro de si. Conhece-a

com o coração, não com a cabeça. Assim acontece com a ‘brasilidade’; nós dois sabemos a importância que tem e o que quer dizer; e também só o sabemos com o coração.”

Rosa avança e argumenta que não podemos explicar a brasilidade fora da área linguística e sentimental: “Existem elementos da língua que não podem ser captados pela razão; para eles são necessárias outras antenas. Mas, apesar de tudo, digamos também que a ‘brasilidade’ é a língua do indizível.”

Para mim, essa língua do indizível se manifesta, principalmente, na arte. Eu a reconheço em *Grande Sertão: Veredas*, quando o jagunço Riobaldo Tatarana filosofa: “Eu, você, todos nós, nascemos doidos. E precisamos rezar muito para desdoidar. Reza é que sara loucura”.

Vislumbrei no batuque de quilombo moderno do Ylê Ayê.

Eu a reconheci nos dribles de Garrincha ou nas fintas desconcertantes ao senso comum, aplicadas por Manoel de Barros, que era uma espécie de Garrincha da poesia: “Não era o normal o que havia de lagartixas/na palavra parede”.

Enrolar-se em uma bandeira não aplaca a minha fome de Brasil. Eu acho que, depois de sairmos do pesadelo da pandemia e do descaminho político, nós precisamos de uma nova Tropicália, um novo Cinema Novo, uma nova Bossa Nova, um novo Manguê Beat, um novo *Grande Sertão: Veredas*, um novo Garrincha ou uma nova marcha das mulheres indígenas em Brasília para retomarmos a conexão espiritual com a brasilidade.

SAÚDE DA MULHER

Câncer de mama em alta no DF

Incidência supera média nacional. Especialistas alertam sobre prevenção. **Correio** realizará segunda edição do *CB Debate Câncer de mama: uma rede de cuidados*

» LETÍCIA MOUHAMAD

Reinício

No Distrito Federal, a incidência de câncer de mama, em 2023, foi de 49,8 casos por 100 mil mulheres. A taxa é 18,8% superior à média nacional, em que registra 41,9 casos. Os dados são do Instituto Nacional do Câncer (Inca) e representam uma estimativa correspondente ao triênio 2023-2025, com números que se repetem em cada um desses anos. No que se refere à quantidade de óbitos pela doença, a taxa do DF iguala-se à média do país, totalizando 12,3 mortes em 2022. A disfunção é a que mais afeta a saúde da população feminina do Brasil, atrás somente de tumores na pele não melanomas.

“Estados com maior desenvolvimento, no que tange à oferta de serviços de saúde — como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e, claro, Distrito Federal —, realmente, registram índices mais altos”, explicou o mastologista Farid Buitrago, médico no Hospital Regional de Sobradinho (HRS). “Além disso, pessoas de diferentes locais do país vêm ao DF para dar andamento aos tratamentos, fato que também aumenta essa taxa”, completou o especialista.

No entanto, aspectos relacionados à mudança no estilo de vida contribuem fortemente para o salto na incidência de câncer de mama. “Adiamento da gravidez; redução do número de filhos e, conseqüentemente, da amamentação; maior consumo de álcool e cigarro entre as mulheres, e obesidade são alguns desses fatores. Soma-se a isso a menstruação precoce e a menopausa tardia”, detalhou Buitrago. O índice tem crescido, inclusive, entre as mais jovens.

Segundo o Inca, a incidência de câncer de mama aumenta com a idade, ocorrendo majoritariamente a partir dos 50 anos. No caso de Nani Monteiro, o diagnóstico veio aos 49 anos neste ano. “Em maio de 2023, eu senti um caroço no seio esquerdo. Consultei, fiz a biópsia e uma imunohistoquímica, que detecta múltiplas doenças e o estágio em que se encontram. Daí veio o resultado. Foi desesperador, pois senti que minha vida tinha acabado”, revelou.

Nani, que é cantora evangélica, contou que não costumava fazer exames de prevenção, mas — por sorte, segundo ela —, descobriu o nódulo ainda pequeno. O diagnóstico veio dois meses após perder o pai por câncer de próstata. “A minha família ficou arrasada e ainda dói olhar-me carequinha no espelho, mas, em meio a tudo isso, descobri o quanto sou amada. Isso tem me ajudado a superar a doença”, disse. A experiência trouxe a ela uma nova perspectiva de vida. “Não podemos deixar para amanhã o que se pode fazer hoje. Ame hoje, perdoe hoje, abraçe hoje e não se apegue a coisas que não podemos carregar”, aconselhou.

A servidora pública Elane Pires, 46, descobriu o câncer de mama em 2019, em um momento de recomeço, após realizar uma cirurgia bariátrica. “Eu estava cheia de planos e com uma qualidade de vida muito boa, de repente, me vi doente e frustrada. Demorei para aceitar o diagnóstico e achei que iria definir”, desabafou. Motivada pelos médicos e pela família a tentar manter sua rotina e fazer o que gostava foi fundamental. O sonho de participar de uma maratona,

Arquivo pessoal



Elane: “Cumprí 25km. Sou vitoriosa e comecei a encarar a doença”

Graça Seligman



Nani: “Dói olhar-me carequinha, mas, descobri o quanto sou amada”

ARTIGO

» LUCIMARA VERAS*

Força para superar desafios

Ao receber o diagnóstico, a paciente precisa manter a calma, aceitar a doença e entender que será uma fase de tratamento passageira, porém com mudanças em vários setores da vida. O tratamento exige um período de afastamento do trabalho tendo em vista que a cirurgia, a quimioterapia e a radioterapia possuem alguns efeitos colaterais. O afastamento do trabalho pode comprometer a renda familiar e gera preocupação quanto à estabilidade no emprego. Ter uma rede de apoio é importante, estar cercada de amor por parte dos familiares e amigos pode influenciar no bem-estar emocional e físico, oferecendo força para superar os desafios do tratamento.

Essa paciente que inicia o tratamento, muitas vezes enfrenta queda de cabelo, alterações na pele e nas unhas, inchaço no corpo e alteração no tamanho e formato das mamas. Isso obviamente vai impactar a percepção da sua imagem corporal, em como ela vai ser vista pelo parceiro(a) e pela sociedade. A reconstrução mamária deve ser oferecida para toda paciente, SUS e rede privada, desde que ela tenha condições clínicas e favoráveis para realizar o procedimento. A mama é um órgão que está diretamente relacionada à sexualidade e à feminilidade e conseguir oferecer um tratamento oncológico curativo com um resultado estético satisfatório é o papel de todo mastologista.

* Presidente da Sociedade Brasileira de Mastologia do Distrito Federal. Ela é mastologista e especialista em reconstrução mamária

por exemplo, foi realizado. “Com acompanhamento e responsabilidade consegui cumprir a prova de 25km. Senti que sou vitoriosa e comecei a encarar a doença de outra forma”, contou.

Em outubro do mesmo ano, Elane fez a remoção das duas mamas. No mesmo procedimento cirúrgico, foram colocadas próteses mamárias. Deu continuidade ao tratamento no ano seguinte e, desde 2021, é submetida à imunoterapia, tratamento mais leve, com ingestão de medicamentos. “Eu sempre pratiquei corrida, esporte que o médico me falou que só pararia se eu quisesse, o que me deu uma visão diferente sobre o tratamento. E continuei”, relatou. Mantendo-se em movimento, a moradora de Taguatinga ingressou na Canomama, associação de mulheres que foram diagnosticadas com a doença em tratamento ou não e que praticam a canoagem juntas.

Prevenção

O diagnóstico precoce aumenta a chance de cura em cerca de 95%, conforme reforçou o

mastologista Farid Buitrago. Pensando nisso, o **Correio** realizará, em 24 de outubro, a segunda edição do evento *CB Debate Câncer de Mama: uma rede de cuidados*, que ocorre no mês destinado a chamar a atenção para a prevenção contra o mal.

O evento ocorrerá no auditório do jornal e terá transmissão ao vivo pelas redes sociais oficiais do **Correio**, no YouTube e no Facebook. Serão dois painéis, cada um com a participação de três especialistas: o primeiro abordará o “Diagnóstico e fatores de risco” e o último discutirá o “Tratamento e pós-câncer”. Além disso, será aberto ao público, por meio de inscrição prévia no site.

O *CB Debate* terá como uma das mediadoras a jornalista Carmen Souza, editora de *Opinião* do jornal. “Temos o compromisso de abordar temas ligados à saúde, levando orientações para melhor qualidade de vida, combatendo fake news e fornecendo informações sobre prevenção e bem-estar. Vamos receber profissionais experientes e de várias áreas, com um olhar humanista para o paciente oncológico”, adiantou.

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos em 16 de outubro de 2024

» Campo da Esperança

Amauri Mitsuya Hirano, 69 anos
Bernardo de Aquino Leodido, 98 anos
Edeslina de Souza Lopes, 96 anos
Isabel Sousa Silva, 94 anos
José Marcellino de Almeida Neto, 71
Luiz Gonzaga de Araújo Filho, 64 anos
Maria dos Reis Guerra, 70 anos

Noemia Cruz de Paiva Ramos, 95 anos
Romão Pereira da Silva, 94 anos
Rosimeiry Silva Oliveira Fonseca, 70 anos
Walter Pinto Alves, 86 anos

» Taguatinga

Alex Raulino da Silva, 43 anos
Almira Francisca dos Santos, 77 anos

Antônio Inácio Ferreira, 67 anos
Ariel da Silva Sousa, menos de um ano
Elza Pereira da Silva, 62 anos
Emília Seabra de Souza, 10 anos
Evilásio Santos, 12 anos
Francisco Lopes da Silva, 82 anos
Ivone Antônia Schuster, 74 anos
Joana Darc Soares dos Santos, 82 anos

José Antenor Nunes, 77 anos
José Barbosa da Silva, 75 anos
Julina Alves Silva de Oliveira, 42 anos
Luzinete Evangelista Moreira, 62 anos
Sebastião Alves dos Santos, 78 anos
Sérgio Marcos Vargas Gonçalves, 51 anos
Vitalina Pereira dos Santos, 78 anos

» Gama

Deodato Brenhosa da Maia, 75 anos
Eunice Bezerra de Almeida, 88 anos
Maria das Neves Alves de Oliveira, 94 anos
Ravi Carvalho Pereira, menos de um ano

» Brazlândia

José Oliveira de Abreu, 61 anos

Maria do Carmo de Sousa Araújo, 74 anos
Maria Betânia Neves de Souza, 29 anos

» Jardim Metropolitano

Maria Betânia do Vale Vieira Borges, 53 anos (Cremação)
Odacyr Luiz Timm Junior, 86 anos (Cremação)
Maria de Fátima Resende, 69 anos (Cremação)